



Entrevista exclusiva concedida pelo Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, ao jornal El País

Centro Cultural Banco do Brasil, 09 de abril de 2010

Obs: Conteúdo publicado pelo El País em 09 de maio de 2010

Jornalista: Eu gostaria de (incompreensível) sua relação com o poder... Quando o senhor conversou com o presidente Sarkozy sobre (incompreensível) o poder e a felicidade... A felicidade...

Presidente: Ele estava recém-eleito.

Jornalista: A felicidade é um elemento brasileiro, muito mais que francês... Como o senhor vê...

Presidente: Olhe, há várias formas de ver o poder. O melhor momento do poder é entre você ganhar as eleições e você tomar posse. Ele é o momento mais extraordinário do poder. Depois que você toma posse de verdade, você começa a ser vítima da tua própria obsessão - de construir as coisas - que te fez ganhar as eleições. Você tem um programa de governo que você precisa cumprir e nem sempre as coisas são fáceis como pareciam nos discursos de campanha. Então, o poder, para mim, não é uma alegria. O poder, para mim, é uma caminhada cheia de bons momentos, cheia de muitos obstáculos, e o que importa é que você consiga construir, no final dessa caminhada, uma média ponderada razoável. No caso do Brasil, eu teria motivos de sobra para dizer que o exercício do poder me deu infinitamente mais alegrias do que tristezas. Mas eu, embora tenha muita coisa para fazer, embora já tenha feito muita coisa, eu já estou preocupado com aquilo que não foi possível fazer, porque a



gente vai descobrindo, durante o exercício do poder, coisas novas que você gostaria de fazer. De forma que o poder, para mim, é um momento profundo de reflexão da capacidade criativa do governante. E eu...

Jornalista: E o que não... agora que o senhor está no final da caminhada, muito perto do final da caminhada, o que o senhor pensa, lamenta que não tenha feito e que gostaria de ter feito?

Presidente: Olhe, primeiro, eu não tenho nenhuma dúvida de que quando nós formos contabilizar os feitos do governo, nós vamos constatar que poucas vezes na história do Brasil aconteceram coisas tão virtuosas como aconteceram no meu governo, do ponto de vista de investimento do Estado, investimento em obras públicas, da parceria com a iniciativa privada, do crescimento social da população de renda menor, do investimento na educação em todos os níveis. Eu penso que nós vamos ter um saldo altamente positivo. Agora, a gente sempre gostaria de fazer mais em menos tempo. Uma coisa que eu vou sentir de não ter feito é que eu, no primeiro dia de... no segundo mandato eu propus a mim mesmo que era preciso destravar o Estado para que o Estado pudesse ser mais ágil. E nós não fizemos, não conseguimos fazer. Trabalhamos muito, mas é difícil. Veja, uma empresa, uma empresa quando um empresário resolve fazer uma modificação na empresa, ele reúne o conselho, reúne a diretoria da empresa, toma decisão, manda embora quem precisa ser mandado embora, rompe com quem quiser romper...

Jornalista: Bem, se o sindicato permite...

Presidente: Se? Agora, (incompreensível), no governo, no governo entre você tomar uma decisão e você executá-la, você tem 500 entraves, para você exercitar a democracia. Você tem o Congresso Nacional – Câmara e Senado –,



depois você tem Ministério Público, depois você tem sindicato, depois você tem a Justiça, depois você tem...

Jornalista: (incompreensível)

Presidente: ...a disputa, a disputa entre os próprios empresários, depois você tem a questão ambiental. Então, às vezes, você leva... entre você pensar um projeto e começar a fazê-lo, você leva três anos, dois anos e meio.

Jornalista: O senhor se esqueceu dos meios de comunicação...

Presidente: Não, eu acho que os meios de comunicação não atrapalham a governar.

Jornalista: Às vezes é sutil...

Presidente: Não, eu acho que os meios de comunicação, eles ajudam a governança quando eles dão a informação correta de denúncias que existam contra o governo, de... Eu acho que isso contribui para o exercício da democracia e contribui para você estar sempre tendo um olhar mais amplo, do que se você tivesse uma (incompreensível), e assim ninguém falasse nada. O problema é que nós criamos entraves para nós mesmos. Então, a máquina fica pesada e ela fica com uma certa dificuldade de funcionar. Nós, agora, vamos fazer o leilão de uma grande hidrelétrica chamada Belo Monte, e essa hidrelétrica ficou 20 anos proibida de se fazer o estudo. Vinte anos! Para um país que tem 85% da sua energia elétrica baseada na energia hídrica...

Jornalista: Por quê? Por que demorou tanto?



Presidente: Ah, porque... porque tem um para construir e 50 para dizer que não pode construir. A questão ambiental é sempre uma coisa muito delicada, o Ministério Público, no Brasil – nós aprovamos na Constituição – tem muita liberdade, as ONGs têm uma grande atuação, ou seja, tem muitos entraves. E isso, eu acho que é preciso construir um consenso de que nós nem podemos abrir mão da fiscalização e da seriedade, mas também não podemos utilizar isso como uma forma proibitiva de você fazer as coisas que o Brasil precisa que sejam feitas. E nós chegamos a construir, agora, o projeto de Belo Monte, vamos fazer leilão e vamos construir a hidrelétrica, levando em conta a necessidade da preservação ambiental. Então, eu vou sair com uma certa, com uma certa mágoa de não ter conseguido destravar. E não adianta mandar projeto de lei agora, porque em ano eleitoral o Congresso não vota muita coisa. Então, vamos ver se no próximo governo a gente consegue destravar um pouco mais o Brasil.

Jornalista: Presidente Lula, uma das coisas que, no seu projeto de Brasil, muita gente tem percebido é que o senhor quer fazer do Brasil uma superpotência mundial. Isso é verdade? O senhor pensa no Brasil como uma superpotência mundial? Ou como uma grande potência?

Presidente: Veja, eu... na verdade, o meu pensamento apenas é o retrato da imagem que eu tenho do meu país. O Brasil é um país de 8,5 milhões de quilômetros quadrados; o Brasil tem, de fronteira seca, quase 17 mil quilômetros; o Brasil tem 8 mil quilômetros de costa marítima; o Brasil tem, praticamente, quase todos os minérios que o mundo precisa. Agora vamos concluir a última etapa e vamos nos tornar autossuficientes em fertilizantes. Nós pretendemos produzir, no Brasil, fertilizantes que hoje nós importamos.

O Brasil é daqueles países que, se a gente olhar a quantidade de coisas que o Brasil pode oferecer, o Brasil poderia ser um dos poucos países do



mundo em que vocêalaria “o Brasil pode sobreviver sozinho”, tal é a magnitude de oferta de matérias-primas e das riquezas naturais do Brasil. Obviamente que a tecnologia não permite que a gente tenha máquinas na Amazônia, ou seja, não estão nascendo máquinas na Amazônia, não estão nascendo *chips* em lugar nenhum. Nós temos... Daí a nossa necessidade de nos entrosarmos com este mundo globalizado. Mas o Brasil tem uma boa base industrial hoje, o Brasil tem conseguido avanços extraordinários em investimentos em ciência e tecnologia. Se o Brasil crescer a sua economia durante alguns anos entre 4,5% e 5,5%, o Brasil pode chegar, em 2016, já sendo a quinta economia do mundo, e eu acho que o Brasil tem potencial para isso. Na medida em que a China continue crescendo, na medida em que a Índia continue crescendo, na medida em que o continente africano continue crescendo, na medida em que a América Latina continue crescendo, o Brasil tem um espaço extraordinário de produção de alimentos como nenhum país do mundo tem. Não existe, no Planeta, nenhum país com a quantidade de terras agricultáveis que tem o Brasil; não existe nenhum país do mundo que tem a quantidade de sol e de chuva mesmo... a produção de fotossíntese no Brasil é uma coisa extraordinária. O Brasil tem tecnologia na agricultura tropical, como nenhum outro país do mundo tem. Portanto, as possibilidades do Brasil são extraordinárias. O grande problema é que o Brasil nunca acreditou nele mesmo. O grande problema é que nós ficávamos aqui, durante o século XX, olhando para os Estados Unidos, olhando para a União Europeia, e não fazíamos a lição de casa. E eu acho que o Brasil tem que fazer as suas obrigações, o Brasil precisa compreender que o seu crescimento depende do comportamento dos seus governantes, da seriedade dos seus governantes, dos investimentos dos seus governantes.

Eu... uma coisa que, para mim, é muito clara. Como é que o Brasil queria se transformar numa grande potência se, no mandato do meu antecessor, não foi feita nenhuma universidade no Brasil? Como é que nós queríamos ser uma



grande potência se, no mandato do meu antecessor, o ministro da Educação aprovou uma lei no Congresso Nacional tirando do governo federal a responsabilidade pelo ensino técnico profissional? Então, um país que nega a educação e que define que o mercado resolverá o problema da educação no Brasil não pode nunca ser uma grande potência. Se um país quiser ser uma potência sem criar nenhum obstáculo à iniciativa privada na área da educação, o Estado tem que assumir a sua responsabilidade de garantir que os alunos estudem, ou fazendo universidade, ou dando bolsa para as crianças estudarem. Então, veja, por incrível que pareça... e aí eu vou deixar a modéstia de lado, vou jogar a modéstia aqui embaixo. Eu vou jogar a modéstia de lado, que é o seguinte: eu fico com muito orgulho porque eu e o meu Vice-Presidente somos, na história republicana – desde que Cabral descobriu o Brasil, em 1500 –, os únicos dois governantes, Presidentes brasileiros que não têm diploma universitário, e a única experiência de juntar um grande empresário e um bom dirigente sindical para dirigir o país. Hoje, nós dois, que não temos diploma universitário, já temos a primazia de ser o governo que mais investiu em universidades e de ser um dos governos que mais investiu na formação profissional. De 1909 a 2003, todos os governantes que governaram o Brasil construíram 140 escolas técnicas profissionais. Nós, em oito anos, vamos entregar 214, ou seja, em oito anos nós estamos fazendo o que foi feito em um século, neste país. E universidades, nós vamos entregar 14. Isso, para mim, é motivo de orgulho. Nós criamos o ProUni, que vai terminar o segundo semestre de 2010 com 726 mil novos alunos pobres da periferia na universidade, dos quais 40% negros.

Ministro Franklin: O ProUni, vocês sabem o que é? O ProUni é um programa de bolsas de estudo para estudantes carentes, com bom desempenho, nas universidades particulares, nas faculdades particulares.



Jornalista: Nas particulares.

Presidente: Nós as isentamos de impostos e o equivalente ao imposto nós recebemos em bolsas para os alunos. Aliás, a Universidade de Salamanca fez um convênio com o ProUni e nós vamos ter os primeiros dez bolsistas do ProUni fazendo mestrado em Salamanca. Vão embarcar na segunda-feira para Salamanca. O Santander vai pagar a bolsa para eles morarem e ainda vai dar passagem para... a bolsa... Uma passagem por ano para eles virem para o Brasil visitar o Brasil. Eu acho extraordinário, porque são todos meninos pobres da periferia deste país. Então, eu acho que o Brasil, o Brasil está se preparando para ser uma grande nação, uma grande potência.

Jornalista: Sob o ponto de vista de capital humano, da educação, está claro. As grandes potências militares... o senhor vai agora à cúpula nuclear de Washington... sempre houve uma discussão sobre... inclusive nas campanhas, nas suas campanhas eleitorais... sobre o Brasil como uma potência bélica ou não... e se tem escrito muito sobre isso. Como vai ser na cúpula nuclear? Vou dar uma notícia?

Presidente: Olha, entre uma guerra e o Carnaval, nós queremos o Carnaval.

Jornalista: Mas ... a indústria do carnaval e a energia atômica?

Presidente: O Brasil...

Jornalista: (incompreensível)

Presidente: Deixa eu lhe falar, o Brasil, o Brasil...



Ministro Franklin Martins: Já tem o título da matéria.

Presidente: O Brasil... O Brasil é um país pacífico. Você pode ficar certo de que neste país aqui, entre uma guerra e um acordo em torno da mesa, sairá o acordo. É a história do Brasil. Foi a proclamação da República, foi a conquista da independência, foi a abolição da escravidão no Brasil, tudo isso sempre se deu acordado. Essa é uma primazia do povo brasileiro. Essa mistura de brasileiro... de índios, europeus e negros deu essa coisa extraordinária que permite que nós façamos acordos sobre coisas que pareciam impossíveis. Mas, veja, o Brasil, o Brasil talvez seja o único país do mundo que tem, na sua Constituição, a proibição de armas nucleares. Eu vou ler para você uma coisa que está escrita na nossa Constituição, no artigo 21, no seu inciso 20º...23º: “Explorar os serviços e instalações nucleares de qualquer natureza e exercer...” é proibido, quer ver? São fundamentos da Constituição Brasileira: “Exercer monopólio estatal sobre pesquisa, lavra, enriquecimento e processamento, a industrialização e o comércio de minérios nucleares e seus derivados, atendidos os seguintes princípios e condições: toda atividade nuclear em território nacional somente será admitida para fins pacíficos e mediante aprovação do Congresso Nacional”. Portanto, neste país aqui, a Constituição proíbe que o presidente da República decida pelas questões nucleares, ou seja, é o Congresso Nacional que tem que decidir. Isso nos dá a garantia de poder afirmar que o Brasil não tem interesse de ser uma potência militar. Não temos interesse.

Agora, em que nós temos interesse? Em ter uma potência militar do tamanho do nosso país e do tamanho da nossa soberania. Nós temos fronteiras, com exceção do Chile e do Equador, nós temos fronteiras com todos os países. Nós temos que tomar conta da Amazônia, nós temos que tomar conta de 8,5 milhões de quilômetros quadrados, nós temos que tomar conta da nossa reserva de pré-sal a 300 quilômetros mar adentro. Portanto, nós temos



que nos preparar para que a gente tenha as Forças Armadas adequadas a garantir tranquilidade ao povo brasileiro. Nunca pensando em fazer guerra, mas pensando em proteger a soberania nacional. Por isso, nós mandamos ao Congresso Nacional um plano estratégico de defesa, onde nós fazemos mudanças profundas nas Forças Armadas, nós discutimos a indústria de defesa no Brasil, que existiu até os anos 70 e foi desmontada. Então, nós queremos fazer do Brasil um país com uma política de defesa respeitável, para ninguém... nós não queremos invadir nenhum país, mas também não queremos que ninguém tente invadir o Brasil. Então, precisamos ter a força adequada ao nosso país.

Jornalista: Invadir o Brasil, é difícil isso... (incompreensível)

Presidente: Certamente...

Jornalista: (incompreensível)

Presidente: A gente nunca pode, a gente nunca pode duvidar da insanidade de alguns tipos de seres humanos. Então, é preciso a gente se cuidar.

Jornalista: Isso, Presidente, eu gostaria de colocar em contexto com algo que na Europa se compreende mal, que é a sua relação com o presidente Ahmadinejad, do Irã. Essa política do Brasil sobre energia nuclear, o senhor mesmo vai explicar (incompreensível)... porque é algo que não se entende...

Presidente: Vamos apenas compreender o seguinte, veja: o chamado mundo desenvolvido, o chamado mundo desenvolvido tem apenas que compreender que a geografia política, econômica e comercial do começo do século XXI não é mais a economia do meio do século XX. Muita coisa mudou, muita, mas



muita coisa mudou. A redemocratização do continente africano, o crescimento de países como a China, como a Índia, o crescimento de países na América do Sul. Tudo isso dá uma nova dimensão à geopolítica internacional.

O Brasil tem uma política definida com a questão nuclear. Temos parceria estratégica com a França, vamos construir navios, em parceria com a França, de propulsão nuclear, desenvolvemos o enriquecimento de urânio, tudo dentro dos padrões de produção de energia elétrica e de produção da indústria farmacêutica. Nada mais além disso, porque não nos interessa. Agora, quando eu leio na imprensa que os presidentes Obama e Medvedev fizeram um acordo para desativar... Eu, pelo menos, vou à reunião e vou perguntar o seguinte: vocês desativaram o quê? O que já estava vencido na prateleira ou alguma coisa nova? Porque de vez em quando lá em casa... eu tenho uma cesta de remédios que eu levo ao médico e falo para o médico “olha, tira tudo o que está vencido aí”, e ele tira. Então, eu quero saber se esse anúncio feito pelo Obama e pelo Medvedev é de desativação de ogivas que estão boas ou se foram aquelas já com data de vencimento, que tiraram fora. Nesse jogo, é preciso parar com as brincadeiras. Ou nós falamos sério em desarmamento nuclear e agimos para que haja o desarmamento nuclear, ou nós não podemos ter meia dúzia de países armados até os dentes e os outros ficarem com pétalas de rosas. Sobretudo, se a gente levar em conta a tensão que vive o Irã. O Paquistão tem bomba nuclear, Israel tem. Agora, se você cria tensão política, você tem que levar em conta que quem está tensionado possa pensar em criar também. Então, o que é que eu acho que deve fazer? Eu tenho dito a todos os presidentes: nós não temos o direito de encostar o Irã na parede. Nenhum animal – animal, animal de verdade – e muito menos um animal político, um ser humano, pode ser encurralado e colocado contra a parede na política do “dá ou desce”.

Ministro Franklin: Traduz o “dá ou desce”.



Tradutor: Tudo ou nada.

Presidente: Não é possível. Então, eu, eu tenho dito ao presidente Obama, tenho dito ao presidente Sarkozy, tenho dito à Angela Merkel que é preciso conversar com o Medvedev, porque a situação política no Irã é uma situação em que tem o Medvedev, que é o Presidente, mas tem os aiatolás, mas tem... ou melhor, Ahmadinejad, e tem os aiatolás, e tem mais não sei... ou seja, é uma muita confusão religiosa; e um país grande, que é uma própria civilização, e que a gente não vai conseguir entender que o Irã permita acontecer com ele o que aconteceu com o Iraque. Como eu não quero guerra – como eu quero paz –, eu quero esgotar até o último minuto que eu tiver para ver se é possível construir, com o presidente do Irã, que ele possa continuar enriquecendo o seu urânio e que a gente possa ter a tranquilidade de que ele vai apenas utilizar isso para fins pacíficos. Então, eu não posso... E eu tenho pedido para o Obama: converse com ele, vamos sentar à mesa e vamos conversar. O que não pode é você, de pronto, dizer: olha, o Lula não... o Lula é terrorista e vamos ter que isolá-lo. Eu quero conversar. Eu vou tentar conversar até o último momento. O meu limite são as decisões das Nações Unidas. Se não houver possibilidade, nós, do Brasil, nós ficaremos com a posição da ONU (incompreensível).

Então é a ONU que eu quero mudar, porque do jeito que está a ONU representa muito pouco. Da mesma forma que eu defendo mudança na ONU... Por que a ONU não representa, no século XXI, o mundo do século XXI? Por que o Brasil não está no Conselho de Segurança? Por que a Índia não está? Por que não tem países africanos? Por que não está a Alemanha? Por que não está o Japão? Então, nós... você pode ter três países africanos. Não precisa ficar brigando quem é que vai ser. Coloca três. Pega os três maiores, os três mais importantes e coloca. Mas a ONU, quando deliberar, ela tem que ter



sustentação política para deliberar. Então, isso vale para o Oriente Médio, ou seja, a mesma ONU que criou o Estado de Israel, poderia criar o Estado Palestino. Agora, se ela continuar enfraquecida, sem representatividade, com países tendo direito de veto, ela nunca vai representar corretamente a governança global que nós precisamos neste momento.

Então, eu sou o homem do diálogo. Eu quero depositar muita esperança de que nesse processo de conversa nós haveremos de encontrar um caminho do meio em que ninguém precisa mais fazer barulho, ninguém precisa fazer mais guerra e que a gente possa, realmente, na questão nuclear, ficarmos tranquilos. Esse é meu desejo e vou levar para o presidente Ahmadinejad, exatamente a experiência do meu país.

Jornalista: E essa transformação da ONU, o senhor estaria disposto, Presidente, a fazê-la, como secretário-geral da ONU?

Presidente: Veja, essa coisa, eu diria que é impensável. Eu tenho claro que você não pode ter em uma instituição multilateral um secretário que possa ter mais força do que um presidente da República. Imagina se você coloca o presidente dos Estados Unidos como Secretário-Geral das Nações Unidas? Um ex-primeiro-ministro da Espanha? Você tem que colocar sempre pessoas que sejam burocratas, que estejam subordinadas, para cumprir as decisões dos dirigentes políticos. E nunca o contrário. Eu acho que a ONU vai continuar sendo dirigida por um burocrata, sabe, das Nações Unidas, que tem a exata noção do seu papel, e que a política é dos governantes e eles têm que cumprir as decisões e as deliberações das Nações Unidas.

Jornalista: Deixe-me voltar a esse papel do Brasil como potência (incompreensível) sobre seu futuro...



Presidente: Nós temos liberdade é para conversar.

Jornalista: Como potência mundial, quero falar do comércio. Desde que se apresentou, nas primeiras discussões, a Rodada de Doha foi uma obsessão sua. Na reunião de outubro em Washington, depois da crise de outubro de 2008, houve uma declaração sobre a Rodada de Doha, que ia se acelerar, ia se firmar. E o senhor vai sair da presidência e a Rodada de Doha não foi concluída. O senhor considera isso um fracasso pessoal, um fracasso dos outros? Que aconteceu com a Rodada de Doha?

Presidente: Eu, na próxima reunião do G20... eu, na hora que eu for fazer o meu pronunciamento, eu vou voltar a falar da Rodada de Doha. Veja, o que aconteceu com a Rodada de Doha? Nós nunca estivemos tão perto de fazer um acordo como nós estivemos em 2008. Por que é que não fechamos um acordo em 2008? União Europeia, Brasil e China estavam de acordo. Quem não estava de acordo? Os Estados Unidos, porque tinham as eleições; e a Índia, porque em maio teria eleições, sobretudo no estado do negociador. Então, por conta disso, você não fechou o acordo. Na primeira reunião que eu tive com o Obama, e na primeira reunião do G-20, eu disse que era preciso a gente retomar a Rodada de Doha de onde nós tínhamos parado. Nós estávamos a um milímetro de fazer o acordo e não aconteceu até agora. Eu vou dizer para o Obama que ele colocou um negociador que nem comparece às reuniões. Ora, se os principais países não se sentarem à mesa, não vai ter acordo nunca. Eu tenho dito todo santo dia: o Brasil não quer nenhuma vantagem. O que o Brasil quer é que a gente faça com que os países mais pobres tenham acesso ao mercado dos países mais ricos na questão agrícola. Vamos ver... eu, como sou muito otimista, eu acho que depende muito dos Estados Unidos para que esse acordo saia, depende muito. Eu acho que a União Europeia está disposta a fazer o acordo, o Brasil está disposto a fazer o



acordo, a China está disposta a fazer o acordo. Eu acho que se os Estados Unidos mostrarem vontade de fazer, o presidente Obama se interessar pelo acordo e a Índia vencer os obstáculos internos da agricultura, eu acho que nós poderemos ter um acordo que não é um acordo maravilhoso, mas é um acordo que pode facilitar a vida dos países mais pobres. Eu ainda trabalho com essa hipótese. Se não conseguir, obviamente que vai ser uma frustração muito grande minha.

Jornalista: O senhor pensa que pode conseguí-lo antes...?

Presidente: Nós estamos negociando há 15 anos. Não é possível! Mas vamos ver.

Jornalista: O senhor pensa que pode conseguir antes de sua saída...

Presidente: Ah... Eu já estive mais otimista. Eu já estive muito mais otimista do que eu sou hoje, com relação à Rodada de Doha.

Jornalista: Presidente, antes falávamos de sua relação com o poder, o Brasil como potência mundial. Como um slogan durante a última campanha (incompreensível) algo que dizia: o Brasil tem a face de Lula, Lula tem a face do Brasil, o Brasil tem a cara do Brasil. O Lula é a cara do Brasil? Ou seja, antes quando dizia, já não sei, acaba de me dizer como é o perfil, ou como penso que é o Brasil. Há uma identificação forte entre Lula e Brasil? E isso tem a ver com culto a personalidade ou outra forma diferente?

Presidente: Olha, eu penso que tem uma forte relação entre mim e o povo brasileiro. A coisa que mais me dá orgulho é a identificação que o povo brasileiro tem com o exercício da minha Presidência. Na verdade, quando eu



vou à porta de uma fábrica, eu vou visitar uma obra, que os pedreiros, aqueles que estão trabalhando, homens e mulheres, eles não me reconhecem como um estranho. Eles me tratam como um deles, que chegou lá. Tem gente que acha que deveria ter liturgia, que eu não deveria ter esse contato direto, que seria importante que as pessoas se dirigissem a mim me chamando de “excelência” ou de “presidente”. Eles me chamam de Lula. Qualquer trabalhador, qualquer trabalhador em qualquer lugar do Brasil se dirige a mim me chamando de Lula ou de companheiro, seja mulher ou homem, seja estudante, todo mundo me chama de Lula. Por quê? Porque há uma identificação. Eu não sou um estranho no ninho, eu sou um deles, que chegou a presidente da República. Isso, para mim, é uma coisa muito prazerosa.

Eu vou lhe contar uma história da Espanha, do meu amigo rei Juan Carlos. A primeira vez que eu fui à Espanha, tinha um jantar no Palácio a convite do dom, do rei e da rainha Sofia. E veio lá o protocolo, dizendo que tinha que utilizar... Como chama aquele treco?

_____ : Fraque.

Presidente: Fraque. Eu mandei dizer ao rei Juan Carlos que eu não usava fraque. Não era preconceito, não, é que eu não usava, não usava. E muita gente aqui, no Brasil: “Nossa, que falta de elegância, que falta de competência para exercer a Presidência, teria que usar fraque”. O rei Juan Carlos me disse: “Olhe, vem com a roupa que vier”.

Ministro Franklin Martins: E ele usou fraque?

Presidente: Hein?

Ministro Franklin Martins: E ele usou fraque?



Presidente: Usou. Eu fui de terno e gravata. Quem gosta de fraque foi lá e colocou o fraque; quem não gosta, como eu, fui... Eu lembro de dois dirigentes sindicais espanhóis que foram comigo, que me disseram que foi a primeira vez que eles entraram no Palácio. Tudo isso me dá orgulho pelo seguinte: se vai um africano visitar qualquer país do mundo, ele vai com a roupa dele, com os trajes dele; se vai um árabe, vai com a roupa dele. Ninguém pede para ninguém tirar a roupa. Imagine se o rei Abdullah, da Arábia Saudita, exigisse que para a gente jantar com ele, tivesse que colocar aquela roupa dele. Então, sem nenhuma ofensa, mas com muito respeito, eu apenas disse: Olha, eu vou de terno e gravata. É o traje que eu uso no Brasil, eu não preciso usar o que eu não uso, habitualmente.

Então, eu acho que tem uma identificação, que eu faço questão de que ela seja cada vez mais forte, eu não quero ser visto como um estranho pelo meu povo, aquela figura que chega à Presidência e fica muito distante. Porque a liturgia, ela é toda preparada para você não se aproximar de ninguém, ou seja, é o segurança que diz onde você vai, é o cerimonial que diz a cadeira em que você senta... Então, quando você é candidato, você anda com um carro, em pé em um carro, com a porta aberta, cumprimentando o povo. Quando você ganha as eleições, te colocam em um carro blindado e você nunca mais vê a cara do povo. Então, eu brigo com isso todo dia, brigo com isso todo dia para poder manter essa identificação.

Jornalista: Um comentário sobre a história da gravata... Felipe González não usava gravata quando era candidato. Era um problema. Eu tive um problema, uma vez quando convidei Felipe Gonzalez para um jantar, porque Felipe Gonzalez não usava gravata e as pessoas que não usavam gravata não podiam entrar para esse jantar. Então tirei eu a gravata... Nunca usou. Quando estava no cargo, os socialistas não usavam smoking. Era um problema para os



socialistas, porque os socialistas não usavam smoking. Afinal usou, porque tinha que usar, mas saiu do poder e deixou a gravata (incompreensível). O presidente Lula vai deixar a gravata quando deixar o poder?

Presidente: Deixa eu dizer uma coisa: eu...depende do ambiente em que eu vou, eu uso gravata ou não [uso] gravata. Eu, quando saio para viajar pelo Brasil, eu saio sem gravata, eu saio de roupa esporte. Quando eu vou para uma reunião, e dar uma entrevista para o El País, então eu vou de gravata. Eu não acho que seja necessário a gente estar todo o dia de gravata. Por exemplo: quando eu venho para cá, que é só despacho interno, muitas vezes eu venho sem gravata, porque que eu vou vir aqui, para encontrar com todos eles aqui, de terno e gravata? Não há necessidade. Eu não tenho preconceito contra roupa, aliás, eu acho bonito... Eu digo para todo mundo: eu trabalhei 27 anos de macacão, não me acostumei. Com dois meses de gravata, eu já me acostumei.

Ministro Franklin Martins: Macacão para (incompreensível), será que ele sabe o que é macacão?

Jornalista: Mono?

Presidente: Agora, veja, quando eu deixar a Presidência, eu vou (incompreensível) a gravata, ou seja, eu vou andar e vou colocar gravata quando tiver (incompreensível)... Quando eu for à Espanha eu vou botar gravata, quando eu tiver algum evento aqui no Brasil, importante, eu vou usar gravata. Eu não tenho preconceito contra gravata, eu acho bonito.

Jornalista: Presidente, voltemos ao poder... Ahmadinejad, Oriente Médio, religião. Em sua primeira eleição a Igreja Católica... primeiro, o senhor é um



católico, é amigo de Leonardo Boff, da Teologia da Libertação... Que parte tem a religião com respeito à política em geral e aqui no Brasil. E que papel tem o catolicismo, a Igreja católica na sua carreira política?

Presidente: Deixa eu dizer uma coisa: as pessoas, muitas vezes, confundem um padre ou o comportamento de um bispo com a instituição Igreja Católica. A instituição Igreja Católica, no Brasil, sempre foi uma coisa equidistante da política. E eu acho que tem que ser assim mesmo, porque tem que manter relação com todos aqueles que são agentes públicos. Agora, o PT não existiria se não tivesse tido a ajuda enorme de milhares de padres e comunidades de padres da Igreja Católica, espalhadas pelo Brasil afora. Eu, certamente, não teria chegado à Presidência se não tivesse essa gente toda, pelo Brasil, me apoiando. Teve muito uma participação de leigos da Igreja. O Gilberto Carvalho, por exemplo, era padre, era estudante de padre, e abandonou tudo depois do PT e veio construir... é verdade! Ele era seminarista...

_____ : Ele sabia o sacerdócio.

Presidente: ... e quando surgiu o PT, ele entrou na política de vez e resolveu não ser mais padre. O PT deve muito, o PT deve muito ao trabalho de base da Igreja Católica. Teve um momento em que a Pastoral do Índio, a Pastoral da Terra, a Pastoral Operária, a Pastoral da Juventude, os padres progressistas... porque o Brasil tem a Igreja mais progressista da América Latina, quiçá do mundo. A Teologia da Libertação foi muito forte no Brasil e isso contribuiu muito com a minha formação política, com o PT e com a minha chegada ao poder. A minha relação com a Igreja vem desde o movimento sindical, sempre muito forte. Então, a Igreja teve um papel importante. Quando a gente está no governo, a gente trata a Igreja como instituição representante do Estado do Vaticano. Aliás, fizemos um acordo Estado brasileiro e Vaticano. Acho que



poucos países fizeram um acordo como nós fizemos. Então, a Igreja tem um papel importante. Aqui no Brasil nós tratamos a Igreja com muito respeito e tem um crescimento muito forte da Igreja Evangélica, que nós, também, tratamos com respeito. Nós somos um país laico e isso é muito importante.

Jornalista: E tensões naturais...

Presidente: Hein?

Jornalista: E tensões naturais...

Presidente: Não, as tensões de todo dia. A Igreja, muitas vezes, concorda com o governo, muitas vezes não concorda com o governo. O governo muitas vezes concorda com a Igreja; em outras vezes não concorda e, assim, vamos democraticamente levando a vida.

Jornalista: E no debate atual da Igreja sobre a lei do aborto (incompreensível) a pedofilia por todo o mundo (incompreensível). Como o senhor se sente como governante? Porque o rei Juan Carlos foi criticado pela direita católica espanhola por ter assinado a lei do aborto, por exemplo, que lhe obrigava a Constituição (incompreensível). O rei Juan Carlos é católico (incompreensível) que o criticava (incompreensível).

Presidente: A Igreja Católica tem uma atitude muito conservadora na questão do aborto. No Brasil, nós temos uma posição muito... no Brasil, o aborto é proibido, o aborto é proibido por lei no Brasil. Você só pode fazer aborto em caso de estupro ou... Qual é o meu pensamento? Veja, enquanto cidadão eu sou contra o aborto, enquanto cidadão. E eu acho que não deva ter mulher favorável ao aborto, porque o aborto é uma coisa muito sofrida para quem o



faz. Entretanto, como chefe de Estado, eu trato o aborto como uma questão de saúde pública. Se as mulheres ricas podem ir para uma clínica particular tirar um filho indesejado, quando uma pessoa pobre tem problema, acho que o Estado não pode deixá-la ficar tentando fazer aborto por conta própria, o Estado precisa dar assistência. E eu acho que no Brasil nós temos feito uma, uma... nós temos tido uma certa coesão nessa visão de que o aborto deva ser tratado como uma questão de saúde pública. Nem você aprova o aborto, como querem alguns, e nem você proíbe, como querem outros. Você mantém o Estado atento, para tratar de meninas que tentam furar o útero com agulha de tricô, de meninas que tentam tomar remédio sem consultas médicas. Então, o Estado tem a obrigação de dar atenção a essas pessoas.

Jornalista: E os evangélicos (incompreensível)

Presidente: Nós temos uma belíssima relação com os evangélicos também. Os evangélicos eram mais conservadores um tempo atrás, ou seja, há uma evolução política das pessoas. As pessoas estão compreendendo que a sociedade está a exigir de cada um de nós um pouco menos de posições fundamentalistas, e fortalecimento das nossas posições democráticas, republicanas. E eu acho que a Igreja Evangélica e a Igreja Católica têm um trabalho social muito forte no Brasil, elas cuidam de muitas coisas no Brasil, de forma que nessa área o Brasil não tem problema. O exercício do poder com essa gente é muito bom porque nós partilhamos problemas, nós partilhamos as soluções, partilhamos inquietações.

Jornalista: Temos tempo para outro tema? Tantos temas...

Presidente: Vamos pedir mais um café? Pede...



Jornalista: Eu, até que o senhor me pare, Presidente...

Presidente: Veja, é porque eu, na verdade, veja, toda a minha trajetória política, o meu perfil político, a minha vida no sindicato, a criação do PT, obviamente que me caracterizam um pouco um homem de esquerda.

Jornalista: (incompreensível)... há alguns anos declarou à Agência Reuters “Eu não sou um homem de esquerda”. A mim, me chamou a atenção porque eu fui muito amigo de Olof Palme e ele declarou a alguns jornalistas, na minha frente, “Eu não sou (incompreensível), eu sou chefe de Estado de um país neutro”. O que o presidente Lula quer dizer quando diz que não é um homem de esquerda?

Presidente: Veja, qual é o problema, qual é o problema? É que o PT é uma novidade na esquerda mundial. É preciso compreender isso do PT. O PT, ele nasceu contrariando todos os dogmas daqueles partidos de esquerda que tinham uma cartilha baseada no marxismo-leninismo, que obedeciam fielmente tudo o que vinha da Rússia, obedeciam fielmente tudo o que vinha da China. O PT nasceu... Sabe, o PT era um bando, como a torcida do Corinthians, era um bando de loucos. O PT, o PT nasceu do quê? De um grupo de operários que, junto com o Movimento Social, mais a igreja católica e alguns intelectuais, que tinham participado da luta armada no Brasil, nos anos 70, resolveram criar um partido político. Então, o PT não tinha uma cartilha pronta, não tinha uma cartilha pronta. O PT não tinha um manifesto definido, o que pode fazer, o que não pode fazer.

E eu nunca gostei de ser carimbado, eu nunca gostei de ser carimbado, sobretudo quando eu assumo a Presidência da República. E Olof Palme tem razão: um chefe de Estado é um chefe de Estado. O chefe de Estado não é uma pessoa, é uma instituição. Então, ele não tem, ele não tem vontade



própria todo santo dia, ele tem que fazer os acordos que são possíveis, na relação bilateral e na relação multilateral. E eu acho que eu aprendi isso, e foi bom para o Brasil, sabe? Eu não posso gostar de um presidente porque ele é de esquerda e do outro eu não gosto, porque ele é de direita. Não! Eu quero é me relacionar com todo mundo. Eu me dei bem com o Aznar, me dou bem com o Zapatero. Eu me dava bem com a Michele Bachelet, tenho que me dar bem o Piñera. Porque não é uma relação Lula-Piñera, Lula-Zapatero, é Brasil e Espanha, amizade é outra coisa.

Então, eu não gosto, quando eu digo que não quero ser tratado como um homem de esquerda é porque no exercício do poder eu sou um cidadão, como diria, multifuncional, multiideológico, multi... sabe?

Jornalista: Mas, é verdade que o PT não tinha uma cartilha pronta, mas ao final dos anos 80 fez uma declaração contra o capitalismo dizendo que o capitalismo era praticamente todos os males (incompreensível). Depois do exercício do poder e de fazer do Brasil um país capitalista próspero, com investimentos estrangeiros crescentes... Vou lhe dizer de uma experiência que tive atualmente. Tenho um problema de capitalização do grupo, e estou nos mercados tratando de (incompreensível) a empresa e todo o mundo me diz "mas como vai investir na empresa se a Espanha está (incompreensível) o déficit..." "Não, a empresa está na Espanha porque está na América Latina, e eu vendo América Latina e sobretudo Brasil." Quando digo, "não, (incompreensível) é uma maneira de investir no Brasil, e investir (incompreensível) é mais barato, porque o Brasil está muito caro e, ao contrário, a Espanha está barato." Então, os capitalistas do mundo todo dizem que o Brasil é um país seguro para investir. O que quer dizer desde o seu ponto de vista... como o senhor contempla agora o capitalismo, depois desses oito anos?



Presidente: Veja, não foi apenas em 1980. Tem muita gente que, ainda hoje, critica o capitalismo, sobretudo, o capitalismo feito da forma tradicional, o capitalismo...o capitalismo... Veja, por que a Europa Ocidental criou o estado de bem-estar social? Era porque os capitalistas europeus tinham o coração melhor ou era por conta da revolução russa? Você sabe que de vez em quando eu tenho dó dos russos. Por que a Revolução russa, ela fez um bem extraordinário para os trabalhadores europeus, e não fez para os trabalhadores russos? Porque o avanço social da Europa se deve à preocupação com o resultado da revolução de 17. Então, houve um avanço da compreensão da construção do estado de bem-estar social, que nós estamos muito tempo... ou seja, muito distantes ainda.

Quando eu entrei no Governo, este país não tinha crédito. Este país não tinha capital de giro. E este país não tinha financiamento e não tinha distribuição de renda. E eu me perguntava: que (incompreensível) de capitalismo que é esse? Sem capital. Capitalismo sem capital, capitalismo sem capital, capitalismo sem crédito, capitalismo sem financiamento, capitalismo sem capital de giro. E eu resolvi que era preciso, primeiro, construir o capitalismo para depois a gente fazer o socialismo. Ou seja, primeiro, você tem que ter o que distribuir para depois distribuir. Sabe, é muito difícil você fazer o socialismo em um país que não tem nada. Se não tem nada no país, não tem nada para distribuir. Nós países em que se atingiu o padrão de vida do povo sueco, por exemplo, ninguém fala mais em socialismo como se falava no começo do século XX. Porque o trabalhador tem casa, tem boa educação, tem bom salário, tem lazer, sabe? Só não tem o que nós temos no Brasil: muito sol, muito carnaval, muita coisa...

Jornalista: (incompreensível)



Presidente: Então eu penso que... a alegria do povo brasileiro, sol 300 dias por ano. Então, eu penso que o Brasil... e fico feliz quando, lá no exterior, dizem: vamos investir no Brasil. Porque nós estamos tentando tirar 50 ou 60 anos de atraso, de desconfiança em que as pessoas não queriam fazer parceira com o Brasil, não queriam investir no Brasil.

Então, nós precisamos ter um capitalismo moderno. Os empresários têm que saber que precisam pagar um pouco de salário para que as pessoas possam poder comprar o produto que eles fabricam. É uma teoria que Henry Ford pregava em 1912. Dar aos pobres o direito de comprar o que eles produzem, de morar, de estudar, de ter acesso a lazer, a cultura. Quando os ricos perceberem que, se o pobre virar consumidor quem ganha é o rico, eles vão mudar a cabeça e vão começar a fazer distribuição de renda, pagar um pouco mais... Não é difícil de compreender. Se você pegar o Brasil, por exemplo, você vai perceber o seguinte: o Brasil, faz sete anos que os trabalhadores têm aumento real de salário, sete anos consecutivos que os trabalhadores têm aumento acima da inflação, faz sete anos que a gente aumenta o salário mínimo acima da inflação. O que tem resultado nisso? Quando houve a crise econômica, quem sustentou o varejo brasileiro não foi a classe A e a classe B, foi a classe C, D e E.

Então, nós estamos provando, estamos provando que pouco dinheiro na mão de muitos significa distribuição de renda; muito dinheiro na mão de poucos significa concentração de renda e aumento da pobreza. Sabe? Não precisa nenhuma grande teoria. Eu, quando entrei no governo, nós tínhamos R\$ 380 bilhões de crédito, hoje nós temos R\$ 1 trilhão, 430 bilhões de crédito.

_____ : O Brasil, como um todo...

Presidente: Hoje, só o Banco do Brasil tem mais crédito do que todo o Brasil tinha, quando eu entrei no governo. E isso possibilitou que nós, ao terminar o



meu mandato, nós vamos ter gerado, em oito anos, mais de 14 milhões de novos postos de trabalho.

_____ : Com carteira assinada, formais.

Presidente: Formal. Só a China, só a China e a Índia podem competir com esse número. Este ano, nós vamos gerar, no Brasil, mais de 2 milhões de postos de trabalho. Nos dois primeiros meses, já geramos 400 mil novos empregos.

Jornalista: E isso é (incompreensível) um triunfo do capitalismo?

Presidente: Eu acho que é um triunfo, obviamente que é um triunfo do governo, porque teve coragem de enfrentar a crise, sabe? E nós enfrentamos a crise, não reclamando. Enfrentamos a crise fazendo investimento, desonerando os setores que achávamos interessantes para a economia brasileira e fazendo muitas obras públicas.

Jornalista: A verdade é que somente o Brasil e a China...

Presidente: E deixa eu lhe contar: e eu tenho dito para os empresários brasileiros... Os empresários brasileiros, alguns setores, na época da crise, recuaram, recuaram. Se você pegar os números brasileiros, você vai ver que a gente vinha num crescendo, aí nós caímos num *canyon* e depois subimos, assim. Por quê? Porque o Estado brasileiro tomou todas as medidas que tinha que tomar. Nós compramos bancos, compramos banco, compramos carteira dos bancos menores, desoneramos carro, geladeira, televisão, fogão, máquina de lavar, material de construção civil, anunciamos um milhão de casas.

Então, eu acho que tudo isso possibilitou a recuperação rápida do Brasil e



a geração desses postos de trabalho, o que para mim é muito confortável, porque o Brasil passou quase 20 anos sem gerar empregos, quase 20 anos sem gerar empregos, ou seja, o número de desempregados era maior do que o número de empregados. Quando chegava no final do ano, que você ia fazer um balanço entre admitidos e demitidos, os demitidos eram sempre maioria do que os admitidos. E nós invertemos isso durante esses sete anos.

E isso... Isso nos dá tranquilidade de acreditar que se o Brasil mantiver nos próximos 5 anos, seriedade na política fiscal, seriedade na política monetária, seriedade nos investimentos, no controle da inflação, o Brasil tem tudo para se transformar em uma potência respeitada no mundo.

Jornalista: E isso, se o PT perde nas eleições (incompreensível)?

Presidente: Vai ser, vai ser triste se perder as eleições.

Jornalista: (incompreensível)

Presidente: Mas deixa eu contar uma coisa para você. Eu não vejo hipótese de perdermos as eleições, sabe? Eu, eu... sinceramente, eu acho que nós vamos ganhar as eleições. Agora, a verdade também é que eu tenho que ser... ser honesto com a minha consciência, não há hipótese, de quem quer que seja que ganhe fazer bobagem. Não há hipótese. Sabe, eu acho que se ganha o Serra, se ganha a Marina, não sei se vai ter mais candidatos, seja, todos sabem, todos sabem que se tem uma coisa que o povo não quer é voltar para trás, o povo quer continuar caminhando.

Jornalista: Ou seja, o senhor está convencido da continuidade da política, quem quer que seja que ganhe as eleições?



Presidente: Eu.. eu.. Veja, obviamente que cada cabeça, uma sentença. O PT e o PSDB têm programas diferentes. Pode ser que o PSDB queira mudar muita coisa. A continuidade verdadeira dos programas que já estão aprovados, em andamento, eu acho que só acontecerá com a companheira Dilma Rousseff. Agora, eu acho que o essencial está dado. O Brasil se tornou um país sério. É a lição que eu já disse para você, ou seja, na medida em que você se respeita, você obriga os outros a te respeitarem. E o Brasil aprendeu a se respeitar.

Jornalista: Presidente, (incompreensível) o senhor é um operário que chega a Presidente da República, Lincoln era um lenhador que chegou a presidente dos Estados Unidos, Mandela era para a história (incompreensível)...

Presidente: O Mandela era um preso político.

Jornalista: Um preso político que fez a integração racial, ou seja, de todos esses personagens... Obama é o primeiro negro que chega à Presidência dos Estados Unidos, ainda que não tenha vindo da classe baixa, senão... De todos esses personagens, Lincoln, Obama, Mandela, o senhor se identifica com algum deles, ou pensa que tenha algo que ver em sua biografia pessoal (incompreensível)?

Presidente: Olhe, eu penso que de todas essas figuras, eu acho que Mandela é para mim a figura mais forte. Não... não pelo governo que ele fez, porque em um mandato só, não é possível fazer nada.

Jornalista: Eu lhe digo como figura...

Presidente: Agora como figura humana, o Mandela depois de 27 anos de prisão, sair daquela cadeia sem ódio dos seus algozes e construir a unidade



nacional que ele construiu, é uma demonstração de superioridade de um ser humano. Veja, eu não estou falando da questão econômica, não estou falando da questão social, porque o Mandela pôde fazer muito pouco. Eu estou falando é do gesto, do fortalecimento da democracia e da construção de uma nação unida. Então, para mim, o Mandela é uma marca profunda.

Jornalista: E desse ponto de vista, quem seria o (incompreensível)?

Presidente: Não, é que tem muita gente que, para justificar... tem muita gente que, para justificar, fala: “Ah, eu não sou... eu não gosto do PT, eu gosto do Lula. Eu sou fazendeiro, eu não sou do PT, mas eu gosto do Lula”, sabe? Obviamente que isso vale para mim, isso valeu para o Felipe González, isso vale... Normalmente, as figuras públicas, elas são menos ideologizadas do que os partidos políticos. Então, nós temos a capacidade individual de agregarmos em torno de nós gente que não se agregaria em torno de um partido político. Então, no Brasil tem muita gente que fala isso. Mas eu não acho que tenha um “mandelismo”, eu acho que não vai ter o “lulismo”, não vai ter... Eu acho que nós vamos fortalecer a democracia, os partidos políticos vão se organizar e vão ser muito fortes.

Ontem, eu recebi um telefonema do ministro Lobão. O Lobão – não sei se ele te ligou –, ele me ligou para contar um fato do Wagner Canhedo.

Ministro Franklin Martins: Do Canhedo?

Presidente: É. Wagner Canhedo, que tem 203 empregados e mandou para o Lobão uma pesquisa. Então, ele perguntou... a pergunta era a seguinte: se vota na Dilma ou vota no Serra. Dos 203 empregados, três já sabiam que a Dilma era candidata e votava nela, e os outros 200 votariam no candidato que o Lula mandar. (risos)



Sabe o que acontece? Eu tenho... A minha vida política, desde 1969, quando eu cheguei no Sindicato, até agora, é uma vida de construção junto aos trabalhadores brasileiros, ao movimento social. E eu acho que, nesse momento, isso encarnou, na sociedade brasileira, de que o presidente da República é um deles. Eu acho que quando eles me veem, eles falam: “Nós chegamos à Presidência da República”. Não é “o Lula chegou”, “nós chegamos”, porque há uma identificação muito forte. E eu acho que isso é prazeroso, do ponto de vista pessoal, porque habitualmente os políticos se desgastam muito, não é?

Jornalista: O senhor não está desgastado, o senhor vai chegar ao final com 60%, 70%, 80% que seja, de popularidade (incompreensível)...

Presidente: Não, veja, eu acho que nós... Eu digo para o Franklin: nós ainda podemos crescer na pesquisa, porque tem muita coisa para fazer no Brasil.

Jornalista: E o que o senhor vai fazer?

Presidente: Tem muita coisa, quer dizer, nós temos muita obra. Você não imagina o que tem de coisa para inaugurar, no Brasil. Tem muita obra acontecendo no Brasil, e o povo vai percebendo que as coisas estão melhorando. Depois que eu deixar a Presidência, aí não importa o que eu vou fazer, porque eu não tenho uma preocupação com isso. Eu...

Jornalista: Não é a sua preocupação, é a preocupação dos outros todos, é a preocupação dos brasileiros. Não há tantas figuras políticas como o senhor no mundo, ou seja, há... eu tenho falado com muita gente, alguns dizem que Organização Mundial do Comércio, outros dizem uma fundação para Lula, para promover o desenvolvimento na África, outros dizem a Presidência da



Petrobrás, cada um diz (incompreensível)...

Presidente: Eu brinco. Não, veja, eu brinco... Deixa eu lhe dizer uma coisa. Um ex-presidente da República, ele prestará um serviço enorme à sua pátria se ele exercitar o mandato de ex-presidente quieto. Será a maior contribuição que um ex-presidente dará ao seu país é ele deixar quem ganhar as eleições governar, e ele ficar quieto. Obviamente que eu sou um ser político, eu pertencço a um partido político. Então, eu acho que vou sair do governo com um acúmulo de políticas bem-sucedidas muito razoável, e eu quero partilhar esse aprendizado e essa lição de vida que eu tive no governo com países mais pobres, na América Latina e na África. Porque, eu aprendi, neste país, que o problema não é só dinheiro, não é só falta de dinheiro. O problema é que a maioria dos dirigentes políticos se deixa envolver pelo cotidiano da política, não focam suas prioridades e não definem corretamente a partilha do orçamento da União entre as pessoas de quem precisam [que precisam]. Eu acho que nós temos coisas extraordinárias para contar para as pessoas. Obviamente que cada país é livre para adotar o que quiser, mas nós temos coisas extraordinárias. Ensinar esse povo da África a criar peixe em lagos, em tanques-rede, em que podem produzir um milhão de vezes mais do que eles produzem hoje.

Jornalista: Então têm razão os que dizem que vai haver uma fundação para...

Presidente: Eu não sei se vai ser...

Jornalista: ...Lula, para a África...

Presidente: Eu não sei se vai ter fundação, porque eu também não quero fazer uma política que não tenha consonância com o governo, eu não sei fazer. Eu



quero tentar trabalhar e, isso, tem que saber se há interesse, também. Precisa saber se há interesse, que parceria que você pode construir com alguém da África, com a União Africana, alguma coisa, porque a única coisa que eu quero é passar para as pessoas a experiência que eu adquiri. Nós temos experiências de sucesso. Eu vou lhe contar uma coisa. Faz... Este ano, quando terminar o meu mandato, no dia 23 de dezembro eu vou fazer a minha última reunião com os catadores de papel de São Paulo. Faz oito anos que, todo Natal, eu me reúno com eles. No ano passado, nós colocamos R\$ 230 milhões para financiar o trabalho deles. E essa gente não quer parar de catar papel, essa gente quer continuar catando papel.

Ministro Franklin Martins: Esse financiamento é (incompreensível).

Presidente: Então, o que o Estado tem que fazer? É criar canais para essas pessoas evoluírem. Eles pedem tão pouco! Entra um empresário aqui nesta mesa aqui, o cara quer um financiamento do BNDES de R\$ 5 bilhões, às vezes para gerar mil empregos. Aí você pega 200 milhões, você financia uma centena de cooperativas no Brasil inteiro, você está dando trabalho a 200 mil pessoas, a 150 mil pessoas, que estão levando para casa o que comer, todo santo dia, do resultado do trabalho. Então, eu acho que essa experiência... a nossa experiência da agricultura familiar, a nossa experiência do Territórios da Cidadania, que é uma coisa extraordinária que nós estamos fazendo, eu quero levar para os outros países. Custa muito pouco. É que, muitas vezes, os pobres não têm acesso aos governantes. Esse é um problema. Você... Pobre não vai a coquetel, vai? Então, é normal, quer dizer... O cidadão ganha as eleições, faz um discurso... Porque não tem político que ganhe eleição falando mal de pobre. Em eleição, o político fala mal de banqueiro – não é isso? –, fala mal de grandes empresários e fala mal de outras coisas. Mas de pobre, não. Pobre é a coisa mais extraordinária do mundo. Agora, quando ele ganha, ele



termina o mandato sem se reunir com os pobres nem uma vez na vida. Ele, o máximo que ele consegue saber do pobre é pelos jornais. Então, não há interação, não há uma coisa... uma ligação. Então, por exemplo, no nosso Palácio aqui, o nosso Palácio. Nós já fizemos reunião com catadores de papel, com os Sem Teto, com os sem casa, com movimento de...

Ministro Franklin Martins: Hanseníase.

Presidente: ...de hanseníase. O primeiro dia em que eu trouxe cem hansenianos dentro do Palácio – pessoas sem nariz, pessoas... –, muitos choraram porque não imaginavam que a gente deixaria um “leproso”, como se falava, entrar dentro do Palácio.

Jornalista: A Lula o identificariam um presidente populista...

Presidente: Não, não é populista, não. É humanismo, é saber que essa gente que está com aquela coisa tem que ser tratada igualzinho a um presidente de um banco que quer conversar comigo. Esse é o papel do governante. O papel do ser humano, ele escolhe com quem ele quer conversar, mas o governante conversa com quem precisa dele.

Jornalista: (incompreensível)

Presidente: Veja, nós temos um problema, nós temos um problema. Eu, certamente, já me reuni com os dirigentes sindicais dos países ricos mais do que eles. Eu, todas as vezes que eu vou aos Estados Unidos, eu me reúno com a central sindical americana. Eu não lembro de quantas vezes o Bush se reuniu com a central americana. Eu me reúno com os dirigentes sindicais da França, da Itália, da Suécia, da Espanha. Eu mantenho uma relação sindical



muito forte com os meus companheiros do passado, e sou respeitado por eles e os respeito também. E eu acho que o problema é que, muitas vezes, existe um distanciamento. No G-20, os dirigentes sindicais, na primeira reunião do G-20 me procuraram, eu fiz reuniões, para entregar um papel para os outros presidentes. Eu disse para os dirigentes sindicais: não, eu não posso ser o porta-voz de vocês. Vocês marquem audiência com o Obama, marquem audiência com o Sarkozy e entreguem para eles o papel. E eles começaram a entregar papel. Eu acho que isso... essa coisa, essa coisa da consolidação da relação democrática é uma necessidade urgente, sobretudo num caso como o da América Latina. Talvez a Europa tenha feito isso na década de 50, na década de 30 do século passado. Mas, nós aqui... a eleição do Evo Morales é uma coisa extraordinária. Eu valorizo muito a eleição do Evo Morales porque cada vez que eu vou a Bolívia e vejo aquele povo indígena, o Evo é o retrato. Ninguém representa mais aquele povo do que o Evo. E a economia da Bolívia está se recuperando, o PIB está crescendo, as reservas estão crescendo. O Evo foi eleito e fez maioria na Câmara e no Senado.

Jornalista: Mas a situação do gás e do petróleo, houve um problema com Evo (incompreensível)?

Presidente: Não, mas veja... Mas houve um problema que eu compreendi. Eu compreendi que o Brasil, como uma economia muito forte, precisaria pagar melhor aquilo que nós tínhamos de acordo com a Bolívia. Portanto, eu não briguei com o Evo Morales. Eu entendi que ele tinha direito, porque era a única riqueza que ele tinha.

Jornalista: Não quero tomar mais do seu tempo, mas, uma palavra mais sobre a América Latina (incompreensível).



Presidente: Olhe, eu tenho muita, eu tenho muita esperança na América Latina. Veja, a América Latina, ela saiu de um momento dos anos 70, dos anos 80, em que tudo na América Latina dependia de uma revolução, para o total exercício da democracia. Hoje não tem nenhum país na América Latina em que as pessoas não disputem eleições. Muita gente que participou de luta armada, nos anos 80, disputa eleições, muita gente já ganhou as eleições, e eu acho que a América Latina é uma novidade no exercício da democracia no nosso... no mundo de hoje. Nós ainda temos democracia muito incipiente. Só para você ter ideia, o Brasil hoje vive o seu mais longo período de democracia contínua: 25 anos, se a gente quiser pegar a Constituinte. É muito pouco para uma nação. Mas, de qualquer forma, eu acho que as coisas vão evoluindo bem. Nós estamos tratando de nos organizar, porque também entre nós, nós temos que gerar uma política de confiança entre nós. A doutrina, a doutrina utilizada na América Latina pelas potências era tentar dizer que nós éramos... o Brasil era o grande inimigo da América Latina, o Brasil era a grande ameaça da América Latina. Todo mundo tinha que ter medo do Brasil. Os empresários mexicanos têm medo dos empresários brasileiros, mas não têm medo dos empresários americanos. E nós estamos desconstruindo essa visão negativa que se fez do Brasil e mostrando que o Brasil pode ser o grande parceiro de vários países da América Latina.

Jornalista: O senhor está falando da América Latina democrática. Como se encaixa o presidente Chávez? Que para a Europa, pelo menos, é um problema (incompreensível)...

Presidente: Olhe...

Jornalista: Muito poucos na Europa diriam que Chávez é um democrata...



Presidente: Deixa eu lhe falar uma coisa, para você. O Chávez exercita muito a democracia e, muitas vezes, comete atos equivocados, e ele sabe disso. O Chávez é muito inteligente, ele sabe disso. Eu debito isso, possivelmente, à inexperiência política do ser humano...

Jornalista: (incompreensível)

Presidente: ...porque o Chávez é um homem que teve toda a sua formação militar, e o Chávez está há 12 anos exercitando a política, em convivência com partido político, convivendo na diversidade, não é uma coisa simples. E o Brasil tem trabalhado muito com o Chávez, discutido muito com o Chávez, para que a gente possa consolidar também na Bolívia, na Colômbia, na Argentina, no Brasil, no Uruguai a democracia, na sua plenitude. Isso leva um tempo. Nós já criamos o Conselho de Defesa da América do Sul, já criamos o Conselho de Combate ao Narcotráfico na América do Sul, tudo isso para que a gente vá assumindo a responsabilidade e resolvermos os nossos problemas, não precisar ir para a Corte de Haia, não precisar ir para a OEA, ou seja, nós mesmos temos que resolver os nossos problemas. Eu vou ter uma conversa com o Chávez agora, no dia 4, dia 20... acho que no dia 26 ou 28, e eu disse para o Chávez: Nós vamos precisar parar um dia só para conversar de política, contar das coisas do Brasil, contar das coisas dele, porque eu acho que a Venezuela é muito importante na América do Sul, é muito importante. E quanto mais nós estivermos em paz na América do Sul, muito melhor para todos nós, muito melhor para todos nós. E o Brasil, obviamente que tem muita responsabilidade.

Jornalista: Presidente Lula, não quero tomar mais do seu tempo, creio que já abusei muito...



Presidente: Bom, nós estamos indo à Espanha... quando, Franklin?

Ministro Franklin Martins: 19, não é? 19?

_____ : (incompreensível)

_____ : 18 e 19.

Presidente: A minha ideia, a minha ideia é tentar levar um grande número de empresários brasileiros. Essa é a minha ideia, tentar levar um grande número de empresários para a gente fazer uma coisa forte,...

_____ : (em espanhol)

Presidente: ...fazer uma coisa forte...

_____ : (em espanhol)

Presidente: ...levar os maiores empresários brasileiros, levar... sabe?

Jornalista: Creio que vai ser um ato muito forte e muito (incompreensível).

Presidente: Eu acho que nós temos que dar importância à parceria estratégica entre Espanha...

Jornalista: Será no dia 18.

Ministro Franklin Martins: Eu creio que *miércoles*.

_____ : (em espanhol)



_____ : Quarta-feira, eu acho...

Jornalista: Publicaríamos essa entrevista no domingo anterior, para preparar a (incompreensível)

Ministro Franklin Martins: Tem a *cumbre* que vai ter, que eu acho que é na terça,...

_____ : Isso, 18 e 19.

Ministro Franklin Martins: ...e o evento lá, o seminário (incompreensível).

_____ : (incompreensível).

Jornalista: Terça e quarta-feira... No domingo publicaríamos (incompreensível) e quinze dias, porque temos que imprimí-lo antecipadamente (incompreensível).

Presidente: Mas eu quero trabalhar uma coisa muito forte com a Espanha, viu,...passar para o povo espanhol e para o povo brasileiro a importância da parceria estratégica entre Espanha e Brasil.

Jornalista: Há dois presidentes no mundo que (incompreensível) presidente da Espanha, um é Obama e o outro é Lula. O senhor é muito popular que Zapatero, que (incompreensível).

Presidente: O Obama está bem, ultimamente, nos Estados Unidos? Melhorou bem.



Ministro Franklin Martins: Melhorou um pouco.

Jornalista: Está melhor. Fez o acordo da saúde (incompreensível), foi uma vitória para ele, e está crescendo (incompreensível), Estados Unidos estão crescendo a 4% agora, e se nota nas ruas... Há um problema (incompreensível)

Ministro Franklin Martins: Nitidamente, ele está melhor. Nas pesquisas...

_____ : (incompreensível)

Presidente: E o Obama é uma figura muito simpática, a cara dele é boa.

Jornalista: Sim, e é muito bom...

Presidente: Ele tem uma cara muito boa na televisão e...

Jornalista: Na Europa é muito mais popular que nos Estados Unidos, seria presidente da Europa...

Presidente: (incompreensível)

Jornalista: Mas o senhor, Presidente também, (incompreensível) não pode ficar na África, pode ficar na Europa.

Presidente: Querido, nos vemos em maio...

Jornalista: Presidente, muito obrigado.



Presidente: Nos vemos em maio. Fica no Brasil até quando?

Jornalista: Vou no sábado, não, domingo, me parece. Vou a São Paulo (incompreensível). Estamos trabalhando com a televisão pública brasileira para fazer mais coisas (incompreensível).

Presidente: Agora, vamos ver se na nossa visita à Espanha, se a gente come uma *paella*.

Ministro Franklin Martins: Vocês nunca oferecem para a gente.

Presidente: Uma *paella*...

Jornalista: (incompreensível).

Presidente: (incompreensível).

_____ : Presidente, (incompreensível).

Presidente: Agora eu vou receber o Piñera.

Jornalista: Bem, um sindicalista e um empresário.

(\$31DHJMP)